

**PRÊMIO CULTURAL PINDORAMA**  
**Vencedor Categoria Poema Modalidade Comunidade Externa**

**Soterrados**

*Martim César Ramires Gonçalves*

Sobre meu corpo uma pedra  
Sobre a alma uma montanha  
Em volta, uma estranha guerra  
Que em lama e sangue se banha

Guerra surda e disfarçada  
Como se fosse inventada  
Ou fosse em outro país  
Guerra com luzes maquiada  
Com brindes comemorada,  
Sob o espocar dos fuzis  
Mas aqui, sob a pintura,  
Resta o quadro verdadeiro  
A tarde clara é escura  
E é intenso o nevoeiro  
Nem a certeza do sol  
Que voltará algum dia  
Cala essa dor de estar só  
Sobre uma terra vazia  
Vazia, mas não de homens,  
Nem de mulheres vazia,  
Carente, mas sim da fome  
Da vida amena e sadia

Que entenda meu sentimento  
Povo do chão de onde eu vim  
Esse infindável lamento  
Que cresce dentro de mim  
Represa em mar rebentando  
Punhal cortando a mordança  
Um afogado respirando  
O ar que passa... e não passa!  
Da gente que é minha gente  
Pois de seu barro fui feito  
Nascidos do mesmo ventre  
Com igual bondade no jeito

Por isso, povo, não cales  
Minha voz saindo da tua  
Se vivo em teus mesmos bares  
Se ando em tuas mesmas ruas  
Qual a trincheira, eu sei bem,  
Em que devemos estar  
Tu, por povo... e eu também,  
Nascidos do mesmo lar

Mas, talvez, por artimanha  
De quem bate e esconde a mão  
Aquele que hoje apanha  
Não saiba ver seu vilão

E, assim, em bandos distintos,  
Como seres diferentes  
Frente a frente, estamos nós.  
E essa é a dor que mais sinto!  
Ao ver que há tanto inocente  
Apoiando seu próprio algoz

Sobre meu corpo uma pedra  
Sobre a alma uma montanha  
Cortando a face do mundo  
Garra invisível que arranha

Há lobos feito cordeiros  
E mentiras em mil faces  
Mas só um rosto verdadeiro  
Por trás de tantos disfarces  
Tantas perdas, tantas vidas  
Ceifadas antes do fim  
É como se todas elas  
Morressem dentro de mim  
Por isso, povo, permita  
Meu grito desesperado  
Bem mais que pedras me oprimem  
Tantos sonhos soterrados

Sobre meu corpo uma pedra  
Sobre a alma uma montanha  
Quero sorrir e não posso  
A dor me alcança e me ganha

Pois mesmo que a luz retorne  
E derrote essa escuridão  
A inocência quando morre  
Não volta a seu mesmo chão  
Ainda assim seguir lutando  
Mesmo assim seguir em frente  
E sempre em nós resistindo  
Nossa bondade insistente

Quando as palavras não bastam  
Frente à imponência das armas  
Quando a truculência é aplaudida  
E a arte ao lixo é jogada  
Quando a ganância triunfa  
E polui as águas e as almas...  
Não abdicar da utopia  
Não se bandear de trincheira  
Não crer que a intolerância

É só mais uma bandeira  
Não ver a desigualdade  
Como um acaso divino  
Nem a carência de tantos  
Como obra do destino

Assim juntos venceremos  
Mesmo sendo derrotados  
Porque os rastros que deixamos  
Não podem ser apagados  
Mesmo que os outros não saibam  
E ocultemos nossa essência  
O que somos... nós sabemos!...  
Não se engana a consciência

Por isso que essa montanha  
Que tanto me oprime agora  
Pode até ser cordilheira  
Ocultando a real história  
Mas bem mais cedo que tarde  
Bem mais perto que distante  
Irá nascer outro sol  
De uma manhã mais radiante

E esse dia que sonhamos  
E que virá com certeza  
Verá o rio da nação  
Vencer mais essa represa  
E juntos festejaremos  
(Mesmo os que já não estão  
Pois tudo que aqui fazemos  
Deixa suas marcas no chão)

E já não mais soterrados  
Sob tanta hipocrisia  
Minha mão na tua mão  
Feito quem luta e confia  
Gritaremos que a ilusão  
Que a nossa ingênua utopia  
Não se dobraram à opressão  
Que a arte e sua rebeldia  
Que a luz de cada canção  
Que a força da poesia  
Semearam, dia após dia,  
O fim dessa escuridão.